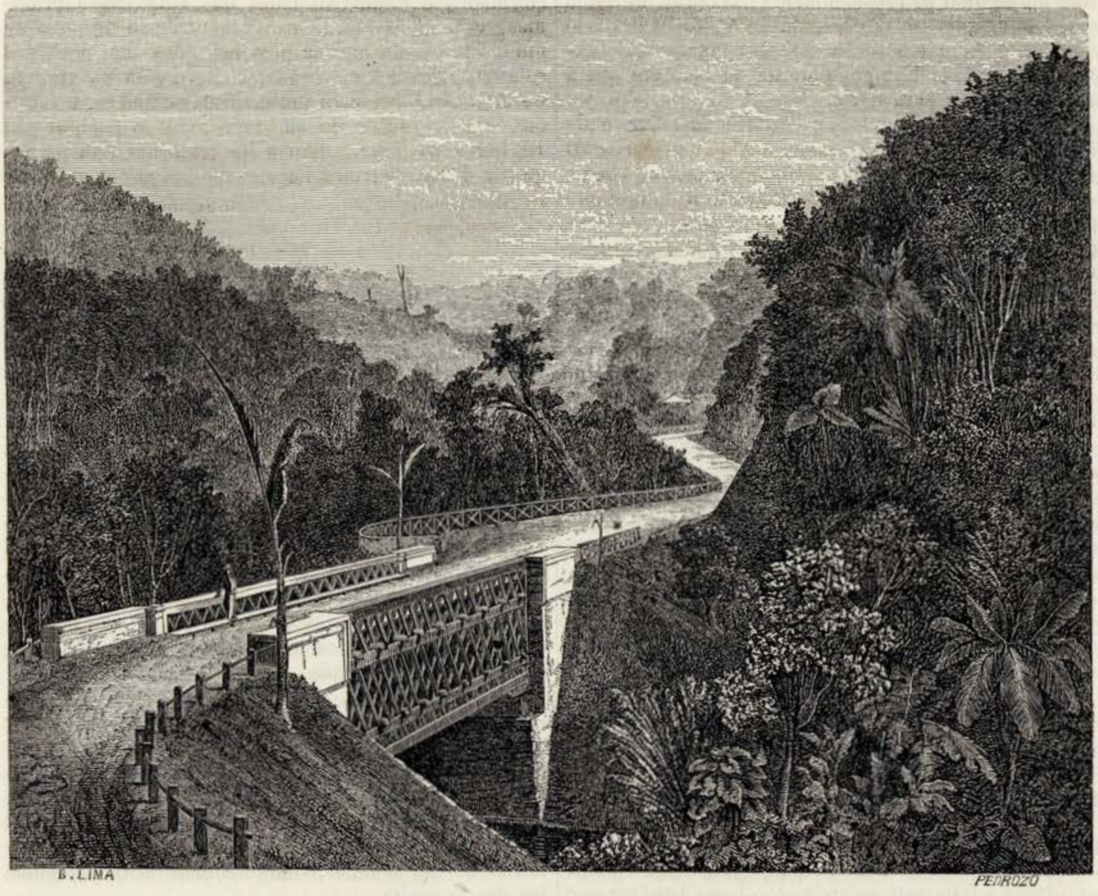
BRASIL



Estrada de Petropolis ao Juiz de Fóra

BRASIL

ESTRADA NORMAL DE PETROPOLIS AO JUIZ DE FÓRA

(Vid. pag. 113)

Foram inaugurados os trabalhos de construcção d'esta estrada por sua magestade, o imperador D. Pedro II, no dia 12 de abril de 1856; fazendo-se esta ceremonia com a solemnidade do costume. Começaram os trabalhos pouco acima de Petropolis, em Villa Theresa, pois que até alli chegava a bella estrada que atravessa a serra da Estrella, communicando aquella cidade com o caminho de ferro de Mauá.

Não obstante as muitas difficuldades naturaes que era mister vencer, antes de se completarem dois annos, aos 18 de março de 1858, abriu-se ao publico a primeira secção da estrada, de Villa Theresa a Pedro do Rio. A estrada segue o curso do pequeno rio Piabanha pelo espaço de perto de dez legoas, ao cabo do qual está a foz d'este rio, que ahi desemboca no Parahybuna. N'aquella secção tem a estrada quatro pontes, e uma estação. A primeira ponte, chamada do *Retiro*, é de madeira, com 15 metros de vão, e corta o Piabanha. A segunda ponte, que é de ferro, direita, e tambem com 15 metros de vão, passa sobre o rio *Bom Successo*, que lhe dá o nome, no logar em que elle mistura as suas aguas com o Piabanha. A terceira é a *ponte da Olaria*, egualmente de ferro, porém com 40 metros de vão. Atravessa o ultimo rio nomeado. A quarta, chamada de *Santo Antonio*, por cortar o rio d'este nome, que é tributario do Piabanha, é de ferro e direita.

A estação dos *Correias* fica na parte da estrada comprehendida entre a ponte do Retiro e a do Bom Successo.

A estação dos Correias não é das mais bellas que a companhia construiu em toda a estrada, porém é notavel pela vastidão dos edificios, onde se acham, além das casas para habitação dos empregados, grandes officinas de fabrico e reparação de carros, e extensas cavallariças, em que se podem accommodar 600 bestas.

A estação de *Pedro do Rio* está edificada junto a uma cortadura, elevada e ingreme encosta coroada de espesso arvoredo. Os seus edificios são grandes e regulares, mas de singela architectura. Dista de Petropolis 25 kilometros, d'onde corre descendo até áquella estação com uma differença de nivel de 162 metros, e em relação a Villa Theresa com a differença de nivel de 200.

A segunda secção da estrada, de *Pedro do Rio* á *Posse*, foi inaugurada e aberta ao transito em 28 de abril de 1860. Proseguindo a estrada pelo valle do Piabanha, a primeira obra de arte d'esta secção é a linda ponte de Jacuba sobre o ribeiro d'este nome. É de ferro a ponte, com 12 metros de vão. A paizagem que a cérca é de muita belleza e amenidade, por quanto o Jacuba, precipitando-se do alto de elevadas rochas, fórma uma cascata, não de grande volume de aguas, mas bonita e pittoresca, dando realce e fres-

cura ás fragas cobertas de musgos, e ás arvores que vestem as encostas.

Logo adiante do Jacuba a estrada atravessa a serra de Taquaril. Foi este um dos pontos que mais obstaculos apresentou ao proseguimento das obras. Devendo passar a estrada pelas abas da serra, foi necessario abrir-lhe o leito em rocha viva em uma grande extensão, guarnecendo-a de muralha do lado em que a montanha desce para o rio.

A pouca distancia entra-se no *valle da Posse*, onde corre o Piabanha saltando e quebrando-se nos penedos que lhe cobrem o alveo, e apertado por montes cheios de magnifica vegetação. Começa aqui a importante cultura do café, animando e dando graça ás paizagens com o porte elegante dos arbustos, com o brilhante verde da sua folhagem, e com a rubra côr de seu fructo. N'este valle encontra-se a *estação da Posse*, onde ha dois grandes armazens para deposito de café.

O resto da estrada até ao *Juiz de Fóra*, comprehendendo 90 kilometros de extensão, em que se trabalhou simultaneamente, e em quanto progrediam as obras da secção de *Pedro do Rio* á *Posse*, completou-se no praso de mais um anno. No dia, pois, 23 de Junho de 1861 fez-se a inauguração e abertura solemne de toda a estrada ao transito publico. Foi uma festa de grande alvoroço e regozijo para a população das duas provincias, que assim iam ficar unidas em intimo contacto.

Pouco depois das cinco horas da manhã d'aquelle dia, suas magestades e altezas imperiaes, acompanhados de um numeroso sequito de damas e cavalleiros da corte, da direcção da companhia *União e Industria*, e de grande numero de pessoas por esta convidadas para aquella funcção, partiram de Petropolis em várias carruagens da companhia destinadas ao serviço da mesma estrada, indo porém suas magestades e altezas em carruagem especial.

No fim de 12 horas de trajecto chegaram os augustos viajantes á *estação do Juiz de Fóra*, que é o termo da estrada. Para que se possa julgar da rapidez com que foi feita esta jornada, não basta lembrar que a distancia percorrida era de 144 kilometros; deve-se tambem dizer que houve muitas paragens e demoras em diversos pontos, ora para se tomar alguma refeição, ora para se examinar as principaes obras de arte, apeando-se a familia imperial muitas vezes só com este ultimo intuito, e procurando ver tudo minuciosamente. As estações achavam-se adornadas com bandeiras e arcos triumphaes de verdura. N'estes logares, e n'outros pontos da estrada, apinhava-se o povo, vindo gente de longes terras para ver e victoriar os seus virtuosos soberanos. No *Juiz de Fóra*, sobre tudo, tiveram os augustos viajantes uma recepção brilhante e enthusiastica, passando entre alas, que lhe faziam os colonos de D. Pedro II, tendo á frente o seu director e o cura catholico, e depois d'estes os alumnos do collegio Roussin trajados com uniforme.

Suas magestades e altezas, com toda a sua comitiva, foram pousar á quinta do sr. commendador Marianno Procopio Ferreira Lage, onde este rico proprietario lhes tinha disposto commoda hospedagem. Esta quinta é uma das mais bellas residencias do Brasil, quer pela disposição accidentada e pittoresca do terreno, quer pelos arvoredos, lagos e jardins que a adornam, e sobre tudo pela bonita casa de habitação, que a esse tempo se andava a construir na crista de um oiteiro todo povoado de arvores, em uma situação summamente deliciosa. Como esta quinta forneceu assumpto para uma das mais lindas photographias do album a que alludimos na primeira parte d'este artigo, consagrar-lhe-hemos mais algumas linhas n'outra occasião.

No dia seguinte pela manhã foram suas magestades e altezas, com as mais pessoas do seu sequito, em carruagens á cidade de Parahybuna, que se acha a pouca distancia da estação do *Juiz de Fóra*. N'esta cidade da provincia de Minas Geraes estavam as auctoridades e municipalidades das villas mais proximas, e uma extraordinaria concurrencia de povo de muitas terras da mesma provincia. A visita, pois, dos soberanos foi alli celebrada, como o fôra na vespera no *Juiz de Fóra*, com muitas festas officiaes, e variadas demonstrações do affecto e regozijo popular. As 10 horas da noite voltou a imperial comitiva para a quinta do sr. Ferreira Lage.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

MEMORIAS DE UMA BOLSA VERDE

(Vid. pag. 123)

III

«Gira, gira agulha ligeira, impellida por mão tão delicada. Cinge a fragil seda em suave abraço, enlaça os tenues fios uns aos outros, e prepara esse corpinho gentil, a quem ha de o amor dar vida.

«O amor, sim. Não vês a loira cabecinha do anjo de meigo sorriso, debruçando-se por cima do hombro da tua formosa dona, a contemplar curiosamente os teus rapidos movimentos?

«Gira, gira, os instantes são preciosos, e póde subitamente chegar quem transtorne a sopresa tão cuidadosamente preparada! Gira, gira sem cessar, agulha, agulha subtil.

«Que suave serenidade transparece no limpido olhar d'aquella cuja mão febril te dirige! Quando um sorriso anima a graciosa physionomia, contempla-se com enlêvo o ceo azul que lhe ri nos olhos e as perolas, que os labios entre-mostram! A quem for perspicaz tambem esse sorriso mostra a alma, que é mais celestial do que o olhar, mais candida do que as perolas da boquinha.

«Mas a esse limpido firmamento doira-o agora o sol de um affecto suave, cujo brilho não é offuscado por nenhuma nuvem. Os seus raios aquecem-lhe o coração, e alegram-lhe ao mesmo tempo todos os horisontes da vida.

«Porque vem misturar-se, com tudo, uma inquietação febril com o sentimento de felicidade que lhe anima as feições? Oh! não receeis nada! Essa mesma inquietação é um prazer. Teme não ter completo o presente que desejava offerecer a seu marido, que fazia annos n'esse dia.

«E por isso a agulha girava, girava com impetuosidade, e os fios de seda agrupavam-se com uma ligeireza inconcebivel!

«Está a concluir-se a tarefa. A agulha approxima-se do sitio marcado. Um mate, um mate risonho lá surge no horisonte. Apressa-te, agulha, faze prodigios de celeridade. Em fim!

«Dera-se o mate. As doiradas borlas pregaram-se instantaneamente. Eil-o o gentil producto de oito dias de trabalho! A formosa senhora contempla-o com ternura. O amor sacode o regaço cheio de perolas, e em cada fio pendura uma caricia, em cada ponto faz pullular mil pensamentos apaixonados.

«O ente, que nascêra, era nem mais nem menos do que esta humilde bolsa verde que lhe está dictando essas linhas, senhor mandrião.

IV

Quando cheguei a este ponto interrompi eu a bolsa.

— Minha senhora, observei com a respeitosa cortezia que um escriptor consagra ao narrador officioso

que lhe conta uma historia, v. exc. tem fallado até agora n'uma linguagem que me tem penetrado de admiração, porque me parece biblica, e o emprego d'esse estilo é muito para apreciar n'uma bolsa que não foi contemporanea de Isaias. Mas se v. exc. antes de nascer falla n'esse tom, receio muito que, se continuar na ascensão, quando chegar á velhice, já os leitores, ainda que se mettam no balão de Nadar, não serão capazes de a seguir com a vista n'essas espheras inaccessiveis. Pedia portanto a v. exc. o favor de baixar o vôo á terra, algumas vezes, a fim de que os nossos leitores percebam alguma coisa do que se for passando, sacrificando por conseguinte o diploma de socia da academia... do amphiguri, que, segundo me parece, está em caminho d'obter. Desculpe-me esta ligeira observação.

A bolsa olhou para mim com modos um tanto severos, e respondeu:

— Admiro-me bastante de tu te queixares. Sabe que eu nem cheguei a dar-te uma ligeira amostra do estilo pomposo que eu deveria empregar, e que te poupei o prologo obrigado que precede lá entre vós outros, os homens, a magra biographia, d'aquelles, a quem nomeaes grandes, com a mesma convicção com que os antigos romanos faziam a apotheose dos Tiberios e dos Caligulas. Já vês que a rajada vae começar, e que se me excitas mais, bailam-te no meu discurso gregos, assyrios, indios, e hebreus. Mas voltemos ao que importa. Em logar de te queixares, devias-me agradecer o eu não te ter dito uma palavra só ácerca do estado da Europa na epocha do meu nascimento, nem de ter fallado nos grandes homens que se agitavam no mundo, em quanto a minha gentil creadora unia uns aos outros os fios que me haviam de formar. Podia fazer-te gastar com estes preambulos dez paginas pelo menos. Não o fiz, e tu accusas-me. Para te castigar não devia dizer nem mais uma palavra.

— Oh! por amor de Deus; continue v. exc. como quizer; estou prompto a admirar tudo quanto eu não entender, nem v. exc. tambem. Estou esperando.

V

«Nasci, continuou a bolsa, e a minha vista não encontrou nada que a ferisse, nada que lhe repugnasse no quarto onde eu viera á luz. Tudo quanto me rodeava era delicado e luxuoso. No movel mais insignificante se denunciava a riqueza e bom gosto dos donos da casa. Eu repoisava mollemente no collo da minha dona, e os meus membros recem-nascidos sentiram logo o suave contacto da seda. Um alegre raio de sol entrava pela janella, acariciava o meu corpinho verde, e fazia resplandecer as minhas borlas doiradas. As agulhas repoisavam ao meu lado, contemplando curiosamente a obra prima que tinham acabado de produzir. A gentil habitante do quarto beijava-me carinhosamente, e, beijando-me, murmurava estas palavras que eu conservei de cór:

— «Vae, pobre bolsinha, repoisar sobre o coração d'aquelle a quem tanto amo. Conserva a impressão dos meus beijos, e, quando elle te aproximar do rosto, oh! anima-te, por um milagre de amor, e sê tu a mensageira d'estes osculos que eu te confio. Dize-lhe, conta-lhe que em segredo trabalhava em te fazer *coquette*, elegante para seres digna d'elle. Olha, lê bem no fundo do meu coração, para podêres narrar ao meu esposo os thesouros de affecto que em mim se abrigam. Vae, e Deus queira que elle te ache a seu gosto, e te faça um bom acolhimento.

«N'este momento um rapaz, cujo labio superior era levemente assombreado por um bigodinho nascente, entrou, e, dirigindo-se á minha dona, beijou-a com ternura.

— «Que deliciosa bolsinha tu tens no collo! — disse-lhe elle. Foi presente ou compra?

— «Agrada-te? — tornou ella contemplando-o meigamente.

— «Acho-a lindissima.

— «É tua.

— «Minha?

— «Tua, sim. Não te lembras que dia é hoje? Completas vinte e dois annos. Trabalho ha oito dias a furto para te dar este presente. Sorria-me sósinha, quando pensava na sopresa que te ia causar, quando te désse a bolsa, e, saltando-te ao pescoço, te dissesse alegremente: — Ahi tem um presente da sua mulhersinha, é para vêres que pensa sempre em ti. — E então agora não mereço um beijo em paga?

«E a galante senhora, unindo a acção á palavra, tinha-se pendurado do pescoço de seu marido, e contemplava-o com olhos humidos de ternura.

«Elle estreitou-a meigamente, e disse-lhe ao ouvido baixinho, e beijando-lhe os cabellos:

— «Amo-te, meu anjo da guarda! Amo-te e sou feliz, feliz com o teu amor.

— «E isso é dito com sinceridade? — perguntou ella, sorrindo travêssa.

— «Não sou eu quem falla, é o coração.

— «Sim? Sobre esse coração é que eu quero que esta bolsa ande sempre! Advirto-te que tenho dentro d'ella um genio familiar que me obedece, que ha de ler através do teu peito, e que me ha de vir contar os segredos que tu julgares mais reconditos. Acceitas?

— «Que remedio, meu anjo! Venha esse gentil espião, cuja côr me anima já, porque é a côr da esperança. Hei-de-lhe dar o observatorio mais commodo que o meu casaco lhe podér proporcionar; telescopios não devem ser necessarios a quem possue a vista subtil dos espiritos. Mas por cavilloso o declaro, se elle descobrir no meu coração outra estrella que não seja a tua imagem.

— «Não gósto da comparação; as estrellas são sempre offuscadas umas pelas outras.

— «Mesmo quando essa estrella se chama *Venus*?

— «Viva! O meu maridinho a fazer madrigaes. Queres que eu continue no mesmo tom? Dir-te-hei n'esse caso que a Venus, mais do que a qualquer outra, succede o que acabei de dizer. A tarde vem a lua offuscal-a, pela manhã o sol.

— «Não, minha querida, não succederá assim comtigo. Sempre viva, sempre pura a tua imagem resplandecerá no meu peito. É isto o que a tua bolsa te ha de dizer constantemente.

— «Querido Eduardo!

— «Querida Camilla!

— «Amo-te!

— «Adoro-te!

«E foi assim que eu passei das mãos da loira Camilla para as mãos do moreno Eduardo.

VI

«Não tive razão de queixa. O meu dono trazia-me nas palminhas. Quando saía, occupava sempre um logar de honra na algibeira do casaco, e alli ia eu, sentindo pulsar o coração de Eduardo, e regalando-me, porque estavamos no inverno, de caminhar bem abafadinha e conchegada, em quanto muitas das minhas irmãs estariam talvez tiritando de frio nas algibeiras rotas dos seus possuidores. Que justo orgulho se apoderava de mim, quando Eduardo, sacando-me negligentemente para fazer alguma compra, me collocava em cima do balcão; como todos olhavam cubiçosamente para as minhas fórmas arredondadas, e que bello effeito que eu produzia com as libras que fulgiam através dos insterstícios da seda.

«Nunca me ha de esquecer a cara de piedade que fez a bolsa d'um empregado publico, a quem o acaso collocára junto de mim. Era uma bolsinha de lã, tão

magra, tão magra, tão escorrida que mettia dó. Uns pobres meios tostões escondiam-se envergonhados no fundo, e alvejavam tristemente, aborrecidos da sua solidão. A pobre bolsa olhou para mim com uma certa inveja, e não me dirigiu palavra. O dono da loja cumprimentou-me respeitosamente, e desviou com desdem a minha visinha. Ella não ousou protestar, e poz-se de parte, esperando que eu me dignasse voltar ao meu alojamento ambulante! E eu ria-me e pavoneava-me toda ufana! Mal sabía que ainda havia de passar pelas mesmas humilhações!

«E o caso é que eu suppunha que todos esses comprimentos eram devidos á minha gentileza, á formosura da minha côr! E Eduardo julgava igualmente que era a influencia, que a sua pessoa exercia, a causadora das humilhações, do servilismo que o rodeiavam! Eduardo attribuia a si o que a mim era devido. Eu attribuia a mim o que era devido ás libras que eu abrigava, e as libras tambem attribuiriam a si o que se devia simplesmente á somma de gozos que ellas proporcionam. Todo o homem se adora a si mesmo nos objectos perante os quaes se curva. O «eu» é o idolo constante da humanidade. O egoismo é o seu unico motor.

E n'este ponto a bolsa philosophica soltou um profundo suspiro.

«Á noite, continuou ella, repoisava dentro da gaveta de uma linda secretária de páu rosa, e alli ficava até pela manhã tagarellando com umas cartas de amores, minhas visinhas, que me contavam os mil deliciosos segredinhos que lhes tinham sido confiados; e n'esta doce prática voavam para mim as lentas horas da noite.

«Comtudo, eu começava a presentir o meu futuro destino. Eduardo era o que vulgarmente se chama uma cabeça de vento. Frequentes vezes, e com as melhores intenções d'este mundo, se esquecia de mim, e me deixava ficar á noite em cima da mesa, em vez de me conduzir á minha deliciosa alcova da secretária.

«Uma vez, tendo acabado de fazer umas compras, deixou-me em cima do balcão. Não posso explicar a impressão dolorosa que senti quando o vi desviar-se distrahidamente, e quando reparei, olhando em torno de mim, nos ávidos olhares dos caixeiros. Segui-o tristemente com a vista, e já me ia a despedir d'elle para sempre, quando Eduardo, chegando á porta, mostrou recordar-se de alguma coisa, e, voltando-se precipitadamente, correu ao balcão. Deu logo com a vista em mim, que estava toda trémula de alegria, e, beijando-me fervorosamente, escondeu-me no seio.

«Infelizmente nem sempre lhe succederia isso.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

ILHA DA MADEIRA

PORTO DA CIDADE DO FUNCHAL

Quando João Gonçalves Zarco descobriu em 1419 a ilha da Madeira, figurou-se-lhe ter diante dos olhos uma floresta saindo do seio do Oceano, ou fluctuando á mercê das ondas. Diz a tradição, e tambem o referem memorias escriptas do tempo, que se lançou fogo a esses densos bosques para se aproveitar a terra para outras plantações, e que o fogo levou annos a consumir o arvoredo.

Porém, como a voracidade do incendio não conseguiu seccar os mananciaes que rebentam e se despenham das vertentes das serras para os valles, nem abrazar aquelle ceo tão benigno, aquelle clima tão doce e creador, em pouco tempo toda a ilha estava novamente coberta de verdores.

Graças aos esforços do illustre e benemerito infante D. Henrique, em breve muitos braços industriosos alli foram crear e desenvolver a agricultura. E a vegetação espontanea, que succedeu á matta virgem reduzida a cinzas, foi substituida pouco a pouco pela canna do assucar, e por bacellos de malvasia, que o mesmo principe mandára buscar á Sicilia e á ilha de Candia. Á prosperidade veiu-lhe ao principio pela primeira, que tanto propagou e medrou, que chegou a produzir annualmente seicentas mil arrobas de assucar. Depois foram os segundos que se constituiram em principal elemento da riqueza publica, offerecendo em cada anno aos mercados de consumo interno e de exportação obra de vinte mil pipas de vinhos preciosos.

Desde então converteu-se a ilha em um jardim delicioso. Povoaram-se os valles de odoriferos pomares. Pelas encostas e quebradas das montanhas, já vestidas de viçosas vinhas, foram subindo aprazíveis quintas, ornadas de variado arvoredo. E n'essas lindas e amenas estancias construiram-se elegantes habitações que, parecendo espreitar por entre as palmeiras, bananeiras, e outras arvores exoticas e indigenas, miram á sombra o vulto infindo do Oceano.

No fundo de uma bahia, e em meio d'aquelle quadro tão bello e magestoso, está a cidade do Funchal, capital da ilha, meio sentada á beira do mar em terreno plano ou quasi chão, meio trepando por ingremes collinas, entremeiando-se a alvejante casaria com a verdura dos jardins e dos quintaes.

Domina a cidade a *fortaleza de S. João do Pico* com suas baterias assentes sobre altas e grossas muralhas, que tem por base a cabeça penhascosa de um oiteiro. A seu turno é dominada a fortaleza pelas cumiadas de elevadas serras que se erguem umas sobre outras em amphitheatro. Tal é o soberbo espectaculo que se apresenta aos olhos do viajante quando entra no porto do Funchal.

É formado este porto por dois cabos, que lhe dão a feição de um crescente, e está situado ao S. E. da ilha em 32°28′ lat. N. e 7° 46′ long. O. de Lisboa. Chamam-se os cabos *Grajão* ou *Garajão*, e *Ponta da Cruz* ou simplesmente *Pontinha*.

Está confiada a sua defesa primeiramente aos *fortes do Ilhéo* e da *Pontinha*, á entrada do porto; depois a uma cortina com dez fortins, que se estende junto da cidade, e em ultimo logar á fortaleza de S. João do Pico.

Está construido o forte do Ilheu sobre uma enorme e negra massa de rochas basalticas, que se levanta do meio do mar, servindo-lhe de ingresso uma alta escadaria, quasi a prumo, cavada na propria rocha. Defronte, na extremidade do *cabo da Ponta da Cruz*, acha-se o *forte da Pontinha*, tambem edificado sobre rochedos, porém menos importante que o primeiro. Ambos estes fortes estão encarregados do registo do porto. Entre elles fica uma como barra tão sómente accessivel a embarcações pequenas. Mas do outro lado da fortaleza do Ilhéo podem-lhe passar proximos navios de qualquer lotação. Por este lado é mui ampla e facil a entrada na bahia.

O ancoradoiro offerece uma profundidade até 77 metros. O mar está muitas vezes agitado, mas tambem muitas outras vezes se ostenta e conserva perfeitamente tranquillo e sereno. Podem fundear alli os navios em segurança, com todos os ventos que não sejam os dos quadrantes desde o sudoéste até ao suéste pelo sul. N'este caso ou correm perigo, ou hão de levantar ferro e fazerem-se ao largo.

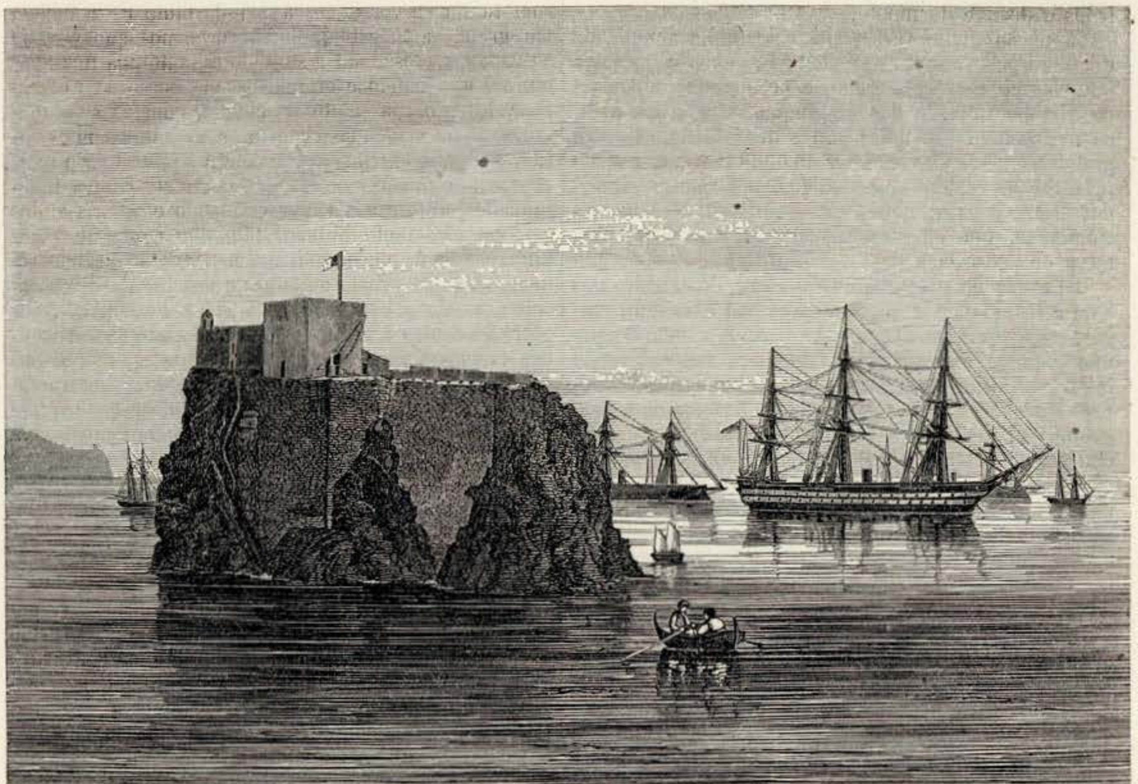
O desembarque não é bom, porque lhe faltam os caes que o facilitem; mas nem tão mau que seja muito difficil mesmo durante a agitação do mar. Se este se acha socegado, vão os barcos embicar em uma praia na cidade, não de areia, mas toda coberta de pedras soltas e roladas, a que chamam *calhaus*, e sobre os quaes os barqueiros, lançando-se á agua, fazem cor-

rer um pouco o bote até que os passageiros possam saltar para terra. Se o mar está agitado, então vão procurar a *Pontinha*, onde acham logar abrigado contra a resaca, e umas pedras toscas por degraus, pelas quaes se sóbe para a restinga de rochedos, que termina de uma parte no já nomeado *forte da Pontinha*, e da outra em uma casa de campo com sua ermida, pertencente á mitra do Funchal. Do desembarque da *Pontinha* apenas vae á cidade a distancia de meia milha; porém os viajantes encontram alli para os transportarem palanquins e machilas conduzidos por homens, carros e carruagens sem rodas, á maneira de trenós, puxados por bois, e tambem alguns cavallos com sellas.

O movimento do porto do Funchal regula annualmente por uns duzentos navios, sendo a quarta parte, pouco mais ou menos, barcos movidos a vapor.

A nossa gravura, copiada de uma photographia, mostra a fortaleza do Ilhéo, e o cabo Garajão.

I. de Vilhena Barbosa.



PEDROZO

Cabo Garajão e fortaleza do Ilhéo na ilha da Madeira

BOM JESUS DO MONTE

(Conclusão. Vid. pag. 121)

VI

Voltando á capella do Descendimento da Cruz, que dissemos se communicava com o terreiro da estatua equestre de Longuinhos, e com o adro do templo, começa ahi uma bella avenida, assombrada por copados carvalhos, e guarnecida pelos lados com muro baixo, debruado de cantaria, e ornado a espaços com urnas, como se vê na avenida das primeiras oito capellas do sanctuario.

Corre aquella avenida para o nordeste, quasi em linha recta, subindo com doce declive para um terreiro que fica um pouco mais elevado do que o adro do templo. Tem de comprimento, desde a capella do Descendimento até ao referido terreiro, uns 160 metros. Comprehende este espaço mais duas capellas, eguaes na architectura á que acima nomeámos. A primeira d'estas é chamada da *Unção*, porque n'ella estão ungindo o corpo morto de Jesus Christo, e tambem a denominam da *União*, porque ahi se vêem reunidos em volta do Senhor, a Virgem Maria, o discipulo amado, a Magdalena, as tres Marias, os seis prophetas e o centurião. Ao lado d'esta capella está uma fonte, sem nome, nem emblemas, mas que foi outr'ora dedicada a Jano.

A segunda capella intitula-se da *Resurreição*, cujo acto n'ella está figurado. Tem dentro um repuxo de agua, e fóra, junto d'ella, uma fonte com a figura de Hercules decepando a hydra, com o que pretenderam significar a victoria alcançada pelo Salvador contra o inferno, em beneficio dos homens.

Pouco adiante d'esta capella termina a avenida em uma escada de oito degraus, que dá ingresso para uma grande praça, chamada *terreiro dos Evangelistas*. É um vasto quadrado, cercado de um parapeito egual ao da avenida, e cortado nos angulos por tres capellas, duas simillhantes na architectura á do Descendimento, e a outra de melhor fábrica, e pela entrada para o terreiro. Por este modo dão as capellas a fórma octangular ao terreiro, o qual conta em volta 156 metros. Nos centros dos espaços, que ficam entre as tres capellas e dita entrada, erguem-se quatro fontes coroadas de estatuas de proporções naturaes. Por fóra do terreiro, mas junto do parapeito, levantam-se em torno d'ella tão corpulentos carvalhos, que quasi o cobrem inteiramente com uma abobada de verdura.

A entrada da praça é decorada com dois obeliscos. No angulo do lado esquerdo está a capella da *Apparição*, em que Jesus Christo se dá a conhecer á Magdalena em figura de hortelão. No angulo da direita acha-se a capella de *Emmaus*, em que o Senhor appareceu a S. Lucas e a Cleóphas. No angulo fronteiro

está a capella da *Ascensão*. Jesus Christo sóbe ao ceo, em quanto sobre o monte ficam a Virgem Santissima, as tres Marias, e os apostolos em admiração e adoração. Sobre as quatro fontes, que são elevadas, avultam as estatuas dos evangelistas, com os seus respectivos emblemas.

Este terreiro é um logar muito aprazivel, e ao mesmo tempo uma das obras mais grandiosas do sanctuario. Junto a cada fonte ha duas aberturas nos parapeitos que as ligam ás capellas, dando saída para fóra do terreiro, e conduzindo á devesa de frondosos carvalhos que o rodeiam, assombrando por todos os lados o declive do monte.

Ha n'esta matta varios sitios de muita amenidade e belleza pela frescura das sombras, pelo viço da relva que está cobrindo o terreno, e pelas vistas deliciosas do visinho valle, e das longinquas serras que d'alli se desfructam. Em umas partes desce a floresta com grande pendor pelas encostas do monte; n'outras guarnece-lhe as planuras, estendida em formosas alamedas. Uma d'estas, que é mui comprida, tem na extremidade, que offerece melhor ponto de vista, uma mesa de pedra com seus assentos.

O passeio da *mãe d'agua*, proximo do terreiro dos Evangelistas, não é menos agradavel e ameno, embora seja mais rustico e selvatico. É a mãe d'agua um pequeno reservatorio de modesta fábrica, tendo junto a si uma mesa e assentos de pedra. Os carvalhos que lhe fazem toldo, e que formam alli uma extensa alameda, não estão plantados com regularidade, nem o terreno d'esta é bem gradado. Porém o que a arte aqui descurou, enfeitou-o a natureza com as suas galas singelas, mas formosissimas, cobrindo tudo de verdores, vestindo os troncos das arvores, as pedras de um tosco aqueducto, e a propria terra assombrada pelos carvalhos, de heras, de musgos e de relva.

Ha varios edificios construidos no monte do sanctuario para accommodação da confraria, para residencia dos capellães, para o aquartelamento dos romeiros, e para hospedarias publicas. Os principaes d'estes edificios são tres, isto é, dos que vimos na ultima vez que visitámos aquelle sanctuario, ha já alguns annos. Um é a *casa da mesa* da confraria. Está ao lado direito da capella-mór da egreja. Tem um só pavimento, e a sua architectura é simples, mas está bem construido, e contém espaçosas salas, bons quartos de cama e grande cozinha. Tem na parede exterior uma abundante fonte de excellente agua.

Um pouco acima da *casa da mesa*, ao lado da avenida que vae para o terreiro dos Evangelistas, erigiu modernamente a confraria um edificio de melhor e mais elegante architectura, cujo andar nobre descança sobre uma esbelta arcada de cantaria.

O terceiro edificio, que é de hospedaria publica, acha-se contiguo ao terreiro da estatua equestre de Longuinhos. É singelo, mas bem edificado. Foi reconstruido haverá treze annos, sendo até então uma antiga hospedaria em edificio mesquinho e arruinado. Deitam as trazeiras d'esta casa sobre a escarpa do monte, o que lhe dá a vantagem de se poder gozar desafogadamente das suas janellas extenso e encantador panorama, no meio do qual sobresae a cidade de Braga.

Além d'estes ha no monte, em situações differentes, e para os misteres que referimos, outros diversos edificios, antigos, ou de construcção moderna. E não obstante, todos são poucos para n'elles se accommodar a immensa quantidade de gente que alli concorre durante as festas de maior solemnidade. N'essas occasiões transforma-se toda a montanha em um grande e vistosissimo arraial. Poucos paizes poderão offerecer á contemplação dos estranhos uma scena de costumes populares como essa que então alli se vê, tão variada e pittoresca, tão animada e formosa para enlêvo dos olhos, e tão interessante, a todos os respeitos, para o estudo.

Diversos typos de aldeãs, qual mais esbelto e gentil, com seus variadissimos trajos, graciosos na fórma, garridos nas côres com que dão realce ao oiro que pende das orelhas em grandes arrecadas, e do pescoço em longos cordões; danças campestres ao som de alegres cantigas ou de ruidosos instrumentos; descantes ao desafio, cheios de vivacidade e de poesia, ora respirando amor, ora ciumes; continuadas refeições entre convivas prazenteiros sentados na relva á sombra das arvores; e, a par de tanto rir e folgar, tão grande afan e tamanha devoção nos que visitam as capellas, descendo e subindo a montanha uns após outros, ajoelhando e orando a cada passo com entranhavel fervor; a gente da cidade, com as suas maneiras mais estudadas, com os seus habitos mais serios e menos expansivos, e com o seu vestuario mais prosaico e monotono, fazendo contraste com a ingenuidade jubilosa e o trajar variegado e pittoresco dos camponezes; tanto bulicio, tamanho ruido de vozes humanas e de musicos instrumentos, tão grande redemoinhar de povo, agitado de desejos de diversão, sob a verde abobada das alamedas e avenidas, por entre as fontes e estatuas das escadarias, e pelas sendas tortuosas que giram por meio da matta nas outras ladeiras do monte; taes são os principaes traços, ainda que mal esboçados, do maravilhoso quadro que o sanctuario offerece nos seus dias mais festivos. [1]

I. DE VILHENA BARBOSA.

PENA DE TALIÃO POR LIÇÃO

Havia em Lisboa, no reinado de D. João IV, um certo escrivão tão dado aos prazeres da mesa, e tão apegado á cama, que todo o tempo lhe parecia pouco para comer e dormir. Com este procedimento soffriam graves prejuizos as partes que demandavam justiça, esperando e desesperando por não poderem fallar ao escrivão sem grandes delongas. Chegando isto aos ouvidos do soberano, mandou este recado ao desleixado empregado para que fosse á sua presença no dia seguinte, pela manhã cedo. Foi pontual o escrivão. Como sabia que el-rei era madrugador, apresentou-se no paço pouco depois de amanhecer.

Correram horas sobre horas, e o monarcha não apparecia, nem o mandava chamar. Eram ave-marias, e o escrivão, cheio de fome e de impaciencia, julgando que el-rei se tinha esquecido d'elle, scismava e desesperava-se debalde, sem saber o que havia de fazer. N'isto abre-se de repente uma porta da sala, onde o escrivão se achava passeando insoffrido, e apparece D. João IV.

Era dotado este soberano de agradavel presença, e a natural seriedade do seu rosto era suavisada com uma expressão de doçura e de benevolencia, que o fazia sympathico a quantos o viam. Porém, d'esta vez, o semblante real vinha serio e carregado.

El-rei, dirigindo-se ao escrivão, disse-lhe com severidade: «Estaes enfastiado de esperar um dia para me fallar? Pois que farão as pobres partes a quem fazeis todos os dias esperar e desesperar? Ide, cuidae no vosso officio, se não quereis que vol-o tire».

Com uma tal advertencia é bem de crer que se emendaria o escrivão. Mas que trabalho teria el-rei D. João IV, se fosse hoje vivo, e quizesse expurgar d'este peccado não só os cartorios dos escrivães, mas a todas as repartições do estado! I. DE VILHENA BARBOSA

[1] Para a historia e descripção do sanctuario, que acabâmos de fazer, servimo-nos em grande parte das noticias que encontrámos nas *Memorias do Bom Jesus do Monte*, pelo sr. Forjaz de Sampaio Pimentel, já citadas por nós em outro logar.

VICTOR HUGO

(Vid. pag. 127)

XXIV

Desde 1848 até 1851 ha, na historia da França, um periodo de agitações politicas e de paixões partidarias em cuja apreciação não devemos entrar. Coube a Victor Hugo papel importante que desempenhou com aprazimento de amigos e com desagrado de adversarios. O que uns podiam e deviam applaudir, os outros reprovavam absolutamente. Os seus biographos, á excepção de um [1], não apreciam este papel; e o proprio auctor das *Memórias* declara que a *nova existencia* do poeta será objecto de *nova publicação*. [2] A publicação, porém, ainda não veiu a lume.

Não deixâmos de expressar agora as nossas opiniões por temor ou covardia. Não! Mas, n'este logar, nem é conveniente nem proprio. O *Archivo*, que vae ás escholas e por conseguinte á juventude, não será nunca o echo da politica em que possa vislumbrar a paixão partidaria, embora mui remotamente. Deixâmos a outrem o emprego de armas que se afastam da indole e da missão, bastantemente elevada e grandemente nobre, d'este semanario.

Consummado o golpe de estado de 2 de dezembro 1851, em que a familia do imperador Napoleão I occupou novamente o throno da França, o poeta expatriou-se porque não quiz reconhecer o governo imperial. Saindo primeiro para Bruxellas e em seguida para Londres, nem uma nem outra capital lhe conveiu. «Aquelle que nos tirou a patria, não deveria tambem privar-nos do sol», escrevia Victor Hugo, referindo-se a Londres, a terra dos nevoeiros.

O poeta fixou a sua residencia em Jersey.

XXV

As *Contemplações*, este admiravel livro cheio de lagrimas, de tristeza, de esperança e fé, ao qual o auctor chamou «memorias de uma alma» foi concluido em Jersey. N'aquelles dois volumes estão vinte e cinco annos da vida do poeta. «Constituem, diz Vacquerie, a maior obra lyrica do grande poeta lyrico. Está alli o problema terrestre, desde o queixume dos arbustosinhos até aos suspiros do pae. Os outros versos do poeta eram apenas uma parte da sua vida e um lado da natureza. D'esta vez não basta que o sol seja bello, o poeta pede-lhe que o allumie e diz aos raios: Sois trevas! D'esta vez a natureza é interrogada e responde. O vento não é ruido, é a voz. A gota de agua não é a perola, é a lagrima. E está alli o homem inteiro! Principia no berço e acaba no tumulo». [3]

Os que tem lido tão sublimes poesias, deixaram de chorar Leopoldina, a engraçada e joven filha de Victor Hugo, morta aos dezenove annos? Deixaram tambem de admirar o moço heroe, morto porque não pôde sobreviver áquella que amava? Não padeceram com o pae, que não tem tido consolação, e que vê constantemente ao seu lado a filha que estremecia?

Elle avait l'air d'une princesse
Quand je la tenais par la main;
Elle cherchait des pleurs sans cesse
Et des pauvres sur le chemin.

Elle donnait, comme on dérobe,
En se cachant aux yeux de tous.
Oh! la belle petite robe
Qu'elle avait, vous rappelez-vous?

Victor Hugo disse: «Os corações de leão são os verdadeiros corações de pae». «Não conhecemos, accrescenta Beauvallet, nada mais tocante que a dôr verdadeira d'este gigante humilhando-se para chorar melhor sua filha».

A *Lenda dos Seculos* teve desde todo o principio menor exito que as *Contemplações*.

Mas o genio do poeta nunca se elevára a tão prodigiosa altura. Erguêra um monumento gigante, mais solido que o marmore ou o bronze, antes para o futuro do que para o presente. Beauvallet considera este trabalho como a obra prima de Victor Hugo, e, talvez, como a obra prima da poesia franceza.

«A *Lenda dos Seculos* foi escripta para todo sempre. Dentro de alguns centos de annos, quando estiverem esquecidos os detractores de Victor Hugo, considerar-se-ha modêlo do bello a maior parte d'aquellas pequenas epopéas; e collocar-se-ha, de certo, *Eviradnus* ao lado da *Illiada*, e o *Plein ciel* similhante aos mais grandiosos canticos da Biblia».

XXVI

Em Jersey (1852-1853) tambem Victor Hugo publicou duas obras exclusivamente politicas, que produziram memoravel sensação na Europa. Analysava-se n'ellas o governo imperial da França e o imperador Napoleão III, antigo presidente da republica de 1851. Uma intitulava-se *Napoléon-le-Petit* [1], e a outra denominava-se *Châtiments*. [2] A circulação de ambas, como é facil de suppor-se, foi prohibida em França. Mas no territorio imperial entraram, apesar d'isso, muitos centos de exemplares.

A imprensa belga e a suissa annunciaram ainda outra obra, porém ignorâmos se chegou a apparecer completa. O novo trabalho intitulava-se: *Histoire contemporaine. Le crime du deux décembre*. Devia constar de dois tomos e conter numerosos documentos.

N'estas obras Victor Hugo mostrava-se verdadeiramente horrorisado pelo golpe de estado e por suas consequencias desastrosas. Era terrivel a linguagem do poeta contra o imperador Napoleão III. Registaremos aqui os versos com que principia o poema *Châtiments:*

C'est la date choisie au fond de ta pensée
Prince! il faut en finir, — cette nuit est glacée
Viens, lève-toi!.......................................

N'attends pas plus longtemps! c'est l'heure de la proie.
Vois, décembre épaissait son brouillard le plus noir;
....
Surprends, brusque assaillant, l'ennemi que tu cernes.

E tambem os versos que rematam o poema:

L'arbre saint du Progrès, autrefois chimérique,
Croîtra, couvrant l'Europe et couvrant l'Amérique,
Sur le passé détruit,
Et, laissant l'Éther pur luire à travers ses branches,
Le jour, apparaîtra plein de colombes blanches,
Plein d'étoiles, la nuit.

[1] Hippolito Castille, na sua collecção de *Portraits politiques e historiques*, n. 15, para lisongear de certo o governo do imperador Napoleão III, escrevendo a respeito de Victor Hugo envolve a litteratura com a politica, ou, antes, trata mais principalmente da segunda que da primeira, e dirige ao eminente poeta grosseiras injurias, posto não deixe de confessar que elle «*a ranimé le goût des lettres*».

[2] *Victor Hugo raconté*, tom. II, pag. 483.

[3] *Profils et Grimaces*, 4.ª ed. 1864, pag. 423.

[1] Teve, pelo menos, quinze edições. Alguns extractos d'este violentissimo opusculo foram publicados, de pag. 385 a 394, e de pag. 427 a 446, na *Revue Lusitanienne*, que então se imprimia em Lisboa sob a direcção do sr. Ortaire Fournier, e onde escreviam muitos dos nossos mais estimados escriptores. Parece-nos, ainda que não o affirmâmos, que a *Revue* foi suspensa por causa da publicação dos referidos extractos.

[2] É obra mui rara em Portugal, ao que nos consta. É certo, porque o averiguámos, que nenhuma livraria em Lisboa se encarrega de compral-a, por ignorar onde realmente se vende. O exemplar dos *Chatiments*, que temos á vista, devemol-o ao especial favor de um bom amigo, o sr. Pedro Vidoeira, digno empregado no correio geral, e apreciavel escriptor. Sabemos tambem que o sr. A. F. de Castilho possue um exemplar. Outras pessoas terão porventura este livro, mas ignorâmol-o.

Et nous qui serons morts, morts dans l'exil peut-être,
Martyrs saignants, pendant que les hommes, sans maître,
Vivront, plus fiers, plus beaux,
Sous ce grand arbre, amour des cieux qu'il avoisine,
Nous nous réveillerons pour baiser sa racine
Au fond de nos tombeaux.

O poema *Châtiments* comprehende 392 pag. in-16.°, e é dividido em sete livros. No fim vem diversas notas contendo o discurso do poeta na assembléa nacional, a 17 de julho 1851, quando alli se discutia a revisão da constituição; e dois outros discursos proferidos á beira do tumulo de dois emigrados, o sr. João Bousquet e a sra. Luiza Julien, mortos em Jersey, em abril e julho 1853. Os sete livros tem os titulos seguintes:

I — «La société est sauvée». II — «L'ordre est rétabli». III — «La famille est restaurée». IV — «La religion est glorifiée». V — «L'autorité est sacrée». VI — «La stabilité est assurée». VII — «Les sauveurs se sauveront.

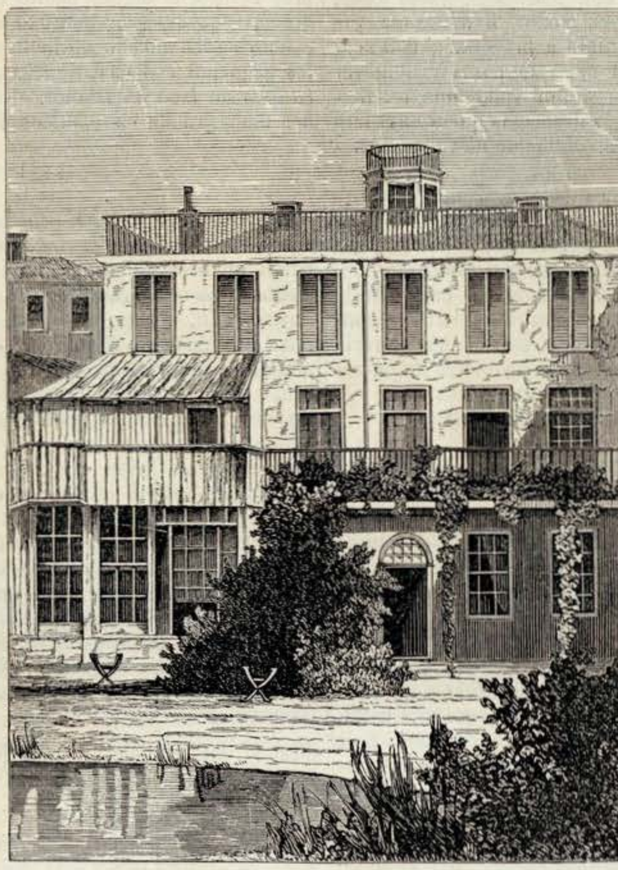
XXVII

Victor Hugo foi expulso de Jersey em 1855 por ter defendido a causa de um de seus companheiros do desterro, que se lembrára de reproduzir no periodico dos emigrados, *L'Homme*, uma carta [1] que fallava da viagem da rainha da Gran-Bretanha á França. Os emigrados francezes tiveram todos egual sorte, e cada um procurou o seu destino.

Os habitantes da ilha não gostaram da carta, e os mais exaltados promoveram um *meeting* para se desaggravarem da phrase injuriosa: «*Vous avez mis un tel au Bain*», com que se pretendia annunciar que a rainha conferíra a alguem a ordem do Banho. O *Homme* foi pouco depois supprimido, e desde então os emigrados padeceram os maiores insultos, a que as auctoridades de Jersey não eram estranhas.

Houve um emigrado para quem os insulanos queriam encontrar privilegio, porque necessitavam dos seus serviços. Era o dr. Barbier. [2] Mas enganaram-se com elle. Leiam-se, incidentemente, estas curiosas linhas de um bom livro:

«Um dos expulsos era um medico, o doutor Barbier. É nobre e sympathica a posição dos medicos no desterro. A profissão torna-os mui prestantes aos seus companheiros. Entregam-se, noite e dia, a todas as doenças, tão frequentes entre os que padecem da nostalgia, pelo afastamento de entes queridos, pelo rompimento de habitos antigos, pela fraqueza, e pela miseria. Os medicos exercem então a clinica sem paga, porque ninguem tem dinheiro, nem elles o acceitariam. Mas, quando são medicos francezes, tem uma compensação, se o verdadeiro merito por ventura carece de compensação: tem a fama da medicina franceza... Comprehende-se que os medicos francezes recebam acolhimento enthusiastico. Deville, em Londres, alcançou para logo uma clientela e um hospital que lhe rendiam cem mil francos por anno. Jersey ultra passa taes enormidades, e Barbier alli era o que queria ser. Havia só doentes para elle; os facultativos indigenas viviam tão afastados das familias como se não houvera enfermidades. Quando constou que Barbier ia partir, os insulanos gritaram contra isso. Mas não se lembravam de certo que expulsando o emigrado expulsavam o medico. Reclamaram, lamentaram-se, disseram que só tinham confiança n'elle, pediram-lhe que ficasse, e quizeram até assignar uma representação ao governador. Barbier, porém, negou-se a deixar os seus companheiros, e o primeiro castigo que recaíu na ilha foi ficar á mercê dos seus medicos». [1]



Hauteville-house — Casa em que reside Victor Hugo

Saindo de Jersey, Victor Hugo dirigiu-se á ilha de Guernesey, onde foi residir para *Hauteville-house*, com sua esposa, seus filhos, Carlos e Francisco Hugo, sua filha Adelia, irmã da que tanto choráva, e o seu particular amigo Augusto Vacquerie. Damos já, n'este numero do *Archivo*, a gravura que representa a frontaria da casa do grande poeta. Da situação da casa e do seu interior trataremos n'outro capitulo.

Na ilha de Guernesey o poeta não encontra tristezas. «É franceza como a Normandia». Guernesey é, como Jersey, independente da Gran-Bretanha, sua protectora; o povo falla um francez do seculo XVII, que os parisienses difficilmente comprehendem.

«Em Guernesey não ha inverno, porque alli se encontra a Italia em miniatura, escreve Beauvallet. O myrto, o aloe, o loureiro, florecem por toda a parte. A ilha é um jardim entre penhascos. *Hauteville-house*, a habitação do poeta, está situada á beira do mar. Vê-se no alto dos rochedos como ninho giganteo. Das janellas avistam-se as alvejantes costas da França».

(Continua) P. W. DE BRITO ARANHA.

O remorso e a deshonra ou vergonha são os castigos mais temiveis e as maiores desgraças que podem acontecer ao homem n'esta vida. Estas penas são mais terriveis que as determinadas pelas leis sociaes, por serem mais certas, dolorosas e permanentes.

FILIPPE FERREIRA DE ARAUJO E CASTRO.

[1] O auctor da carta era Felix Pyat, que emigrára para Londres.

[2] O sr. dr. Barbier acha-se ha annos em Lisboa, e é querido e respeitado na boa sociedade, entre a qual vive. O sr. doutor tem estreitas relações com a familia de Victor Hugo.

[1] *Miettes de l'histoire*, pag. 456 e 457

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio